

**O dilúvio e sua universalidade, uma abordagem transcultural**  
**La riuada i la seva universalitat, un enfocament transcultural**  
**El diluvio y su universalidad, un enfoque transcultural**  
**The flood and its universality, a transcultural approach**

André BUENO<sup>1</sup>  
José Maria Gomes de Souza NETO<sup>2</sup>

**Abstract:** A transcultural analysis of mythography's about universal floods in ancient civilizations reveals important narrative splits, which make explicit the problem of trying to unify them. In our text, we will seek to present and discuss some issues related to flood/deluge myths in civilizations from the Levant, passing through India and reaching China, an important counterpoint to Western narratives. This comparison allows us to understand the different epistemes from which these myths have been worked and disseminated, and the challenges for a heterotopic claim of narrative fusion.

**Keywords:** Mythology – Mythography – Deluge – Universal Flood – Near East – India – China.

**Resumen:** Un análisis transcultural de las mitologías sobre inundaciones universales en civilizaciones antiguas revela importantes divisiones narrativas, que hacen explícito el problema de intentar unificarlas. En nuestro texto, buscaremos presentar y discutir algunas cuestiones relacionadas con los mitos de inundaciones/diluvios en civilizaciones del Levante, pasando por la India y llegando a China, un contrapunto importante a las narrativas occidentales. Esta comparación nos permite comprender las diferentes epistemes a partir de las cuales se han elaborado y difundido estos mitos, y los desafíos a una pretensión heterotópica de fusión narrativa.

**Palabras clave:** Mitología – Mitografía – Inundación – Diluvio Universal – Próximo Oriente – India – China.

---

<sup>1</sup> Prof. Associado de *História Oriental* do [Departamento de História da UERJ](#) e do [Programa de Pós-graduação em História da UERJ](#). E-mail: [andre.bueno@uerj.br](mailto:andre.bueno@uerj.br).

<sup>2</sup> Prof. Adjunto de *História Antiga* do [Departamento de História da UPE, campus Mata Norte](#) e do [Programa de Pós-graduação em História da UFRPE](#). E-mail: [zemariat@uol.com.br](mailto:zemariat@uol.com.br).



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

ENVIADO: 10.10.2024  
ACEPTADO: 13.11.2024

\*\*\*

## I. No Início...

Quando se fala em épicos do cinema, aqueles filmes grandiosos que retrataram a Antiguidade, é muito comum se ater a títulos dos anos 1950 e 1960, tais como *Quo Vadis* (1951) ou *Cleópatra* (1963). Menos citados, mas nem por isso menos importantes, estão clássicos do cinema mudo, como *Intolerância* (1916) e, principalmente, o italiano *Cabíria* (1914), considerado o fundador do gênero.<sup>3</sup>

Imagem 1



Uma das cenas finais de *The Deluge* (1909) em que é possível observar o tamanho do cenário construído. Após o dilúvio, Noé e sua família se prepararam para o sacrifício a Jeová.

---

<sup>3</sup> Uma obra clássica – ainda que não trate das películas citadas – é a de CARNES, Mark C. (org.). *Passado Imperfeito. A História no Cinema*. Rio de Janeiro: Record, 1997.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

Antes de todos eles, contudo, houve um épico norte-americano com uma enorme potencialidade para a compreensão histórica: *The Deluge* (1911)<sup>4</sup>, uma das primeiras produções com temática bíblica, e que explora um conceito fundamental para o cinema épico: o do espetáculo.<sup>5</sup>

Todos esses elementos estão claramente presentes em *The Deluge*: uma grande arca construída em cenário (e num formato retangular, incomum para a visão que se tinha na época da embarcação), muitos animais (elefantes inclusive<sup>6</sup>), muitos figurantes, um vilão característico com um final terrível e um Noé paradigmático, com longas barbas brancas. Trata-se, portanto, de um épico no apagar das luzes do *Período Inicial*, ou seja, as primeiras duas décadas de existência dessa arte, quando tudo estava sendo criado e que muitos dos elementos que marcarão a representação da Antiguidade ao longo de mais de um século estavam se estabelecendo.

Neste momento específico, contudo, buscamos nos deter num aspecto específico desse filme: embora tenha duração de apenas dezesseis minutos, *The Deluge*, de 1911, dedica mais de um minuto destes a um extenso introito:

---

<sup>4</sup> *The Deluge* (1911). EUA, *Vitagraph Company of America*.

<sup>5</sup> David Shepherd afirma que esse elemento está disseminado no gênero de várias maneiras, dentre as quais “...a escala (tamanho do elenco, arquitetura cênica, duração da projeção), a opulência (esplendor dos figurinos, tecidos, etc., os presentes e oferendas, etc.), a indulgência (como manifesta nas ‘festas/orgias’ com suas demonstrações de apetites físicos, culinários e sexuais), a destruição (especialmente os imensos desabamentos cênicos) e o miraculoso (por exemplo, atos de Deus como a abertura do Mar Vermelho.” – SHEPHERD, D. J. *The Bible on Silent Film: Spectacle, Story and Scripture in the Early Cinema*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 5.

<sup>6</sup> A presença desses paquidermes em tantos filmes norte-americanos não é gratuita: segundo um relatório da *Animals and Society Institute* publicado em 2007, “nos Estados Unidos do século XX, os elefantes eram uma sensação comparável aos bambolês e a Harry Potter” (p. 5). A exposição regular desses animais ganhou força em meados do século XIX, quando eram apresentados em circos itinerantes, uma importante forma de entretenimento que o cinema importou para si. Especialmente nos filmes sobre a arca de Noé, sua participação chega a ser inevitável.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

Relatos do dilúvio podem ser encontrados nas tradições de quase todas as raças, incluindo os polinésios e os astecas. Os livros sagrados da Índia, o Brâmana e o Purana (*SIC*) mencionam a arca, os pares de animais e as sementes salvas das águas. Dr. George Smith, quando decifrava tabuinhas de barro das ruínas de Nínive, quase desmaiou de alegria quando encontrou esta inscrição “soltei uma pomba; ela voou, mas como não encontrou lugar para pousar, voltou”. Muitos têm tentado limitar o Dilúvio a meras cheias localizadas, mas atualmente pesquisadores da mitologia, da arqueologia e da geologia tendem a estabelecer os fundamentos da história como relatada na Bíblia.

Essa introdução representa um extraordinário ponto de análise, um momento em que podemos pensar como o cinema incorporou a Antiguidade, quais os princípios norteadores dessa incorporação, e como o cinema, um operador da dominação imperialista do mundo, puro entretenimento voltado para as massas, surgido justo quando elas eram atingidas pelo entusiasmo do projeto imperialista<sup>7</sup>, contribuiu como educação fora da escola para ensinar o conceito de História Universal linear e eurocêntrica que marcou nossa formação. Embora a cultura material ocidental fosse “naturalmente superior”, criações notáveis dos “outros” poderiam ser apropriadas, desde que as ligações com a origem não-ocidental fossem suprimidas, processo esse descrito por Barbara Kirshenblatt-Gimblett: o Ocidente “rompe os laços entre as formas e suas origens, converte essas formas em influências, leva tais influências ao centro, deixa as origens às margens e se parabeniza por ser tão cosmopolita”.<sup>8</sup>

Um texto desse tamanho logo no início do filme possui uma importante razão de ser: é um intertítulo (ou cartão de título) com função narrativa sumária<sup>9</sup>, destinada a rotular eventos, esclarecer ações e, eventualmente, “dirigir-nos no sentido da interpretação correta de uma dada cena” (ou no caso em tela, do filme inteiro). As informações que traz, embora não constem da ação do filme, são fundamentais à sua compreensão, e nessa situação específica o espectador precisa saber que: (a) quase

<sup>7</sup> SHOHAT, E.; STAM, R. *Crítica da imagem eurocêntrica. Multiculturalismo e representação*. São Paulo: Cosacnaify, 2006, p. 142.

<sup>8</sup> *Apud* SHOHAT, E.; STAM, R. *Crítica da imagem eurocêntrica. Multiculturalismo e representação, op. cit.*, p. 22.

<sup>9</sup> CHISHOLM, B. *Reading Intertitles, Journal of Popular Film and Television*, 15:3, 1987, p. 140.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

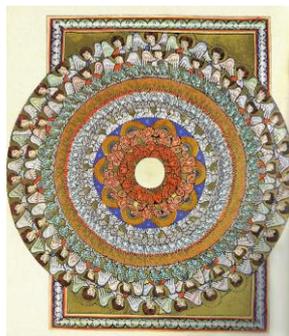
todas as culturas (“raças”) do mundo possuem histórias do dilúvio, inclusive algumas destas narrativas estão registradas em antigos livros sagrados; (b) que boa parte delas conta com os mesmos elementos do dilúvio bíblico, o mais conhecido no ocidente; (c) que um pesquisador do Museu Britânico quase desmaiou ao encontrar um indício da enchente universal numa fonte extrabíblica; e finalmente (d) as ciências modernas estão confirmando a narrativa bíblica. É muita pretensão para um filme primordialmente feito para atrair grandes plateias e cujo diretor (ou roteirista) nem sequer é conhecido.

Começando de trás pra frente, o intertítulo convoca a ciência para conferir a si mesmo cientificidade, como quem fiz “você estão prestes a ver algo que foi comprovado por pesquisas modernas que seguem rigorosos padrões de análise” e a veracidade da enchente universal era, de fato, algo bastante discutido na ciência: exatos vinte anos após o filme, quando escavava a antiga cidade de Ur e encontrou uma camada de limo grossa sob a qual havia artefatos, o arqueólogo britânico Sir Leonard Wooley enviou uma mensagem telegráfica “para o mundo [com] a mais extraordinária notícia que ouvidos humanos já ouviram: ‘descobrimos o dilúvio!’ A tremenda descoberta realizada em Ur ocupou as manchetes da imprensa dos Estados Unidos e da Inglaterra”.<sup>10</sup>

O cinema, este grande apresentador das culturas exóticas e/ou antigas, fazia crer ao seu público que quase todas as culturas possuíam não um dilúvio qualquer, mas *O dilúvio*, aquele aprendido nas escolas dominicais e nas catequeses e que estava prestes a ser vislumbrado em toda sua grandiosidade na tela do cinema. O que o texto omite (aliás, uma “falha” comum dos pregadores religiosos quando lançam mão do argumento da “universalidade”) é que as muitas versões das grandes enchentes têm pouco ou nada a ver com o patriarca que constrói uma barca e a enche de animais. As culturas citadas pelo intertítulo tiveram, sim, seus dilúvios, mas eles não eram nada do que as audiências dos anos 1900 esperavam. E a partir daqui, torna-se necessária uma

---

<sup>10</sup> KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão...* São Paulo: Melhoramentos, 1990, p. 42.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

leitura transcultural<sup>11</sup> e variada de algumas das mitografias diluvianas existentes pelo mundo.

Os astecas, por exemplo, não conheciam o descontentamento de um deus único com o povo que havia criado; antes, entendiam a existência como uma sucessão de eras cosmogônicas, a chamada “Lenda dos Sóis”, em que houvera quatro eras anteriores à atual, cada uma delas presidida por um sol: na primeira, o mundo era povoado por gigantes que foram devorados por jaguares; na segunda, a destruição veio por intermédio de furacões; na terceira choveu, sim, mas fogo.<sup>12</sup> Só então veio a era do dilúvio d’água:

Os deuses criaram o quarto sol. A deusa Chalchiuhtlicue, “a das saias de jade”, deusa da água, se converteu em sol por ordem de Quetzalcoalt. Nessa idade os homens se alimentavam de uma semente parecida com o milho, chamada Cincocopi. Este sol terminou com um grande dilúvio que inundou a terra, convertendo em peixes todos os seres humanos e fazendo com que o céu colapsasse sobre a superfície terrestre. Tudo isso ocorreu no dia quatro água.<sup>13</sup>

O sentido desse dilúvio tem muito mais proximidade com o original mesopotâmico do que com o bíblico, posto que cada sol abre novos horizontes em relação a um tempo passado, no qual a natureza dita a trajetória do planeta e a vida dos seus habitantes.<sup>14</sup> Nada dessa sofisticada cultura calendárica foi compreendida pelos religiosos espanhóis que conquistaram o Império Asteca e divulgaram a história... para

---

<sup>11</sup> Como proposto por CANEVACCI, M. “[Transculturalidade, interculturalidade e sincretismo / Transculturality, interculturality and sincretism](#)”. In: *Revista Concinnitas*, 1(14), 2020, p. 137-141.

<sup>12</sup> MONTORO, G. C. “[O dilúvio universal e a América: relações entre as cosmovisões indígena e cristã no Códice Telleriano Remensis](#)”. In: *Revista Tempo*, vol. 19, n. 35, Jul.-Dez., 2013, p. 155.

<sup>13</sup> DÍAZ, L. P. M. *Estudio comparativo del mito cosmogónico en las culturas azteca y griega – Analogías entre la cultura azteca y la cultura griega en los mitos de los cinco soles y el mito de las edades*. Trabajo de grado presentado como requisito para optar al título de licenciatura en español y literatura. Universidad Tecnológica de Pereira, 2009, p. 62-63.

<sup>14</sup> DÍAZ, L. P. M. *Estudio comparativo del mito cosmogónico en las culturas azteca y griega – Analogías entre la cultura azteca y la cultura griega en los mitos de los cinco soles y el mito de las edades.*, *op. cit.*, p. 63.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

eles interessava apenas a passagem sobre o suposto “fim apocalíptico causado pela água”<sup>15</sup> por sua aparente coincidência com o que a Bíblia narrava. A memória dessa compreensão está presente neste filme de 1909.

O intertítulo cita também os dilúvios da cultura indiana, supostamente assemelhados ao noaico e igualmente registrados em livros sagrados, mas essa semelhança nada mais é que aparência. O “Brâmana” a que se refere é, possivelmente, o *Śata-patha-brāhmaṇa*, um texto religioso associado ao *Yajurveda*, e que contém uma passagem sobre um dilúvio, mas só nas *Puranas*, um gênero literário hindu antigo que dentre vários assuntos aborda particularmente lendas e folclore, é que essa história será mais bem trabalhada e detalhada – mas até que ponto ela se parece com o trecho bíblico referente a Noé? Vejamos:

Um peixinho nadou para as mãos de Manu buscando proteção enquanto ele tomava seu banho matinal. Manu primeiro o pôs num jarro, depois num lago e, quando estava crescido por completo, o soltou no mar. O peixe avisou a Manu do dilúvio que se aproximava, e o aconselhou a preparar um barco e entrar nele no tempo devido. Assim fez Manu, e quando o dilúvio finalmente aconteceu, o peixe apareceu novamente e puxou o barco de Manu até as montanhas do norte. Quando as águas recuaram, foi dito a Manu que desembarcasse e descesse da montanha, cuja encosta é chamada Manoravatāraṇam, “a descida de Manu”. Ele foi o único ser humano salvo, e com ele a humanidade teve um novo começo.<sup>16</sup>

Nada de animais, nada de deus único. Como na versão mesopotâmica (a qual, não custa lembrar, é a base para a versão bíblica), uma divindade avisa a um homem justo, e mesmo assim por motivos diversos: Ea entendeu que os deuses precisariam dos humanos e encontrou um jeito de alertar Uta-napišti, enquanto Vishnu, em seu avatar-peixe Matsya (*matsyavatara*), devolveu a bondade que recebera de Manu, avisou-o a

<sup>15</sup> MONTORO, G. C. “[O dilúvio universal e a América: relações entre as cosmovisões indígena e cristã no Códice Telleriano Remensis](#)”, *op. cit.*, p. 156.

<sup>16</sup> KLOSTERMAIER, K. K. *A Survey of Hinduism*. Albany: State University of New York Press, 2007.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
 ISSN 1676-5818

construir o barco e, durante a enchente, rebocou-o até o um porto seguro. Toda semelhança que o intertítulo de *The Deluge* dá a entender nada mais é que falsificação.

A partir dessa versão original, muitas outras surgiram na vastíssima literatura indiana, inclusive uma “recontada na *Bhaviṣya-purāna*, falsificando (como de costume nessa Purana) a história de Noé sob o disfarce de Nyūha, termo de ocasião com etimologia sânscrita!”<sup>17</sup> Para melhor visualizar as semelhanças e diferenças entre os mitos indiano e acadiano, Paolo Magnone<sup>18</sup> organizou um quadro, que compartilhamos abaixo, com os principais elementos mitológicos das narrativas, mostrando assim as especificidades e coincidências entre ambos:

O <i>Śata-patha-brāhmaṇa</i>	Elementos comuns		O mito acadiano
Um homem bom (Manu) salva um peixinho. Gradualmente, o peixinho passa por uma milagrosa metamorfose e se transforma em um monstro marinho.	↓		A humanidade incorre na cólera divina. O deus supremo (Enlil) decide exterminar a raça humana.
	O peixe recompensa o homem	Um protetor divino (Ea) ajuda um homem bom	
	avisando do dilúvio que se aproxima e mandando construir um barco.		
			O homem carrega o barco com bens e criaturas. O homem desvia a

<sup>17</sup> MAGNONE, Paolo. “Floodlighting the Deluge: Traditions in Comparison”. In: BALCEROWICZ, Piotr; MEJOR, Marek (orgs.). *Essays in Indian Philosophy, Religion and Literature*. Delhi: Motilal Banarsidass, 2004, p. 139.

<sup>18</sup> MAGNONE, Paolo. “Floodlighting the Deluge: Traditions in Comparison”, *op. cit.*, p. 140.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
 ISSN 1676-5818

		curiosidade dos vizinhos com desculpas.
O peixe vem em socorro. O homem amarra o barco ao chifre do peixe, que o reboca.	Acontece o dilúvio.	Os deuses menores estão aterrorizados e culpam Enlil.
	O dilúvio termina e o barco encalha em cima de uma montanha.	O homem manda pássaros para explorar o mundo.
	O homem desembarca e oferece sacrifício.	
O homem produz descendência com uma mulher surgida do sacrifício.		Os deuses se reúnem “como moscas” junto ao sacrifício e novamente censuram Enlil. Enlil fica furioso ao ver os sobreviventes. Ea o acalma e Enlil abençoa os sobreviventes.

A simples observação do quadro produzido por Paolo Magnone deixa claro que “as duas estruturas [narrativas] divergem quase que inteiramente”<sup>19</sup>, e as diferenças que ele aponta entre o mito indiano e o semita são válidas também para a versão bíblica (a qual, já vimos, é uma variante deste último), e a partir daí o autor analisa em detalhes as duas estruturas mitográficas, às quais acrescentaremos os elementos relativos a Noé. A motivação dos dilúvios semitas é ética (uma divindade, seja Enlil/Anu ou Jeová, infeliz com os rumos que a humanidade tomou), enquanto o relato indiano se baseia em um “antecedente de natureza folclórica”, qual seja, a ajuda de Manu ao peixinho.

<sup>19</sup> MAGNONE, Paolo. “Floodlighting the Deluge: Traditions in Comparison”, *op. cit.*, p. 141.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

A decisão divina é diferente nos três casos: no mesopotâmico, não só há um juramento entre os deuses como o dissenso surge quase que imediatamente; na hebraica, em sendo um deus único, Jeová é o total responsável pela destruição do mundo (o que lhe causa, inclusive, certo arrependimento)<sup>20</sup> – nada disso está presente na versão indiana.

Terceiro, nas versões semíticas há a necessidade de salvar exemplares das criaturas: o tropo bíblico mais primitivo ecoa a tradição mesopotâmica de preservação da vida, vista no *Épico de Atrabasis*<sup>21</sup> – ou seja, os casais; já o mais recente privilegia as obrigações litúrgicas, compartimentando-os em termos utilitaristas: “puros” (aptos às oferendas e ao consumo humano, e por isso mesmo sendo embarcados em grupos de sete) e “impuros”, necessários à recriação. Através de um exercício de zoologia especulativa e invocando-se dois outros livros, Levítico e Deuteronômio, podemos imaginar quais animais Noé teria embarcado. Entre os puros, principalmente aqueles com casco fendido em número par e ruminam<sup>22</sup>, como vários da família *bovidae* (boi, cordeiro, cabrito, búfalo, bode silvestre, o antílope *disbon*, boi silvestre, cabra montês) e dois da *cervidae* (cervo, veado); também alguns insetos<sup>23</sup>, como a locusta, o gafanhoto, o grilo e o grilo estridente, os quais andam “sobre quatro patas, tem pernas por cima dos pés para saltar com elas sobre a terra”.

As referências aos animais impuros são bem mais detalhadas: Dt 14: 7,8 e Lv 11:13-19 e 11:29:30 citam mamíferos herbívoros, mas que não possuem casco fendido em número par ou ruminam (o camelo e o porco; o hírax, a lebre, o coelho, o rato e o porco-espinho), três carnívoros (a toupeira, a doninha e o morcego – este mencionado junto aos pássaros).

---

<sup>20</sup> Gn 8:21.

<sup>21</sup> [The Epic of Atrabasis](#). (trad.: R. Foster).

<sup>22</sup> Dt 14:4-6.

<sup>23</sup> Lv 11:21.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

As aves puras não haviam sido declinadas, logo as impuras foram citadas nominalmente: rapineiras (a águia, o abutre quebrantosso, a águia do mar, o milhano, o abutre, o açor, a coruja, o gavião e o mocho), carnívoras (“todo corvo”, gaivota, pelicano, o corvo marinho), as pernaltas (cegonha, garça, íbis, frango d'água), além do avestruz e da poupa. Há também alguns répteis e anfíbios (sapo, crocodilo da terra, lagartixa) e um invertebrado (a lesma). Inversamente, nos mitos indianos, argumenta Magnone, muito embora versões posteriores até tenham incorporado esse aspecto, a questão central é a das *sementes*, cujas implicações “vão se tornando cada vez mais caracteristicamente indianas conforme o tempo avança”.<sup>24</sup>

Por fim, num exercício ginzburguiano, “é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados”, ou seja, o método indiciário<sup>25</sup>: os “particulares marginais” das histórias não convergem em nada. Por exemplo, como já vimos, Utanapišti soltou três pássaros (uma pomba, uma andorinha e finalmente um corvo) e Noé apenas dois (um corvo e uma pomba). Não há o menor indício desse particular na história de Manu.

Ou seja, todo aquele longo introito destinado a informar a audiência sobre a unanimidade da história do dilúvio baseia-se, de fato, em meias-verdades e, muito frequentemente, em rematadas mentiras, que inclusive continuam a ser repetidas. Certos grupos fundamentalistas, como as Testemunhas de Jeová, permanecem afirmando que o Gênesis constitui o “reservatório original, cristalino, do qual se originaram os conceitos básicos a respeito do começo do homem e da adoração, encontrados em várias religiões do mundo”<sup>26</sup>, incluindo o dilúvio, e que todos os detalhes dissonantes nada mais são que acréscimos inverossímeis e folclóricos a um fato que, como narrado da Bíblia, seria perfeitamente lógico, impecável e factível.

<sup>24</sup> MAGNONE, Paolo. “Floodlighting the Deluge: Traditions in Comparison”, *op. cit.*, p. 142.

<sup>25</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 144.

<sup>26</sup> Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. *O homem em Busca de Deus*. São Paulo, 1990, p. 40.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

A introdução de *The Deluge* precisa ser entendida à luz de um elemento fundamental, o alinhamento dos fatos históricos relevantes na narrativa linear do progresso humano então celebrada como História Universal: a história bíblica fora incorporada às origens europeias, então seja como mito, seja como fato, era ela a versão padrão a ser utilizada. E vale salientar que um dos elementos mais fundamentais a essa noção era a ideia de raças inferiores e superiores – não à toa, portanto, o introito menciona que “relatos do dilúvio podem ser encontrados nas tradições de quase todas as raças” (mesmo aquelas que consideramos inferiores, seria possível adicionar).

O fato de simplesmente incorporar tradições mitológicas não-europeias à narrativa sem sequer se dar ao trabalho de reconhecer seus elementos particulares mostra como as populações não-brancas (subalternizadas e dominadas) nada mais são que notas de rodapé para o grande fluxo histórico, no qual a Europa era eixo e apogeu da evolução humana.

Por fim, e num tom mais anedótico, o introito informa que “Dr. George Smith, quando decifrava tabuinhas de barro das ruínas de Nínive, quase desmaiou de alegria”. George Smith foi, de fato, um dos grandes pioneiros da assiriologia, dotado de “um tino notável para identificar juntas entre os fragmentos partidos das tabuinhas e um verdadeiro gênio na compreensão de inscrições cuneiformes”.<sup>27</sup> Foi esse homem relativamente jovem, tinha trinta e dois anos, que após muito esforço conseguiu ler as primeiras linhas da história do dilúvio na Epopeia de Gilgamesh, e após fazê-lo “pôs na mesa a tabuinha, deu pulos e correu pelo cômodo num estado de enorme excitação e, para assombro dos presentes começou a se despir”.<sup>28</sup> Para as audiências dos cinemas do começo do século XX, esse detalhe era, com certeza, picante demais e precisou ser atenuado.

---

<sup>27</sup> FINKEL, I. *The Ark before Noah: decoding the story of the Flood*. Doubleday, 2014, p. 1.

<sup>28</sup> FINKEL, I. *The Ark before Noah: decoding the story of the Flood*, *op. cit.*, p. 3.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

## II. E na China?

Uma comparação dos mitos diluvianos do Levante e da Índia com a lenda das inundações chinesas nos traz perspectivas bastante diferentes. De início, os chineses tinham uma noção muito clara de que estavam vivenciando uma enchente dos seus principais rios, e não um aumento das águas em escala universal. Não há dilúvio, há inundação [Hongshui 洪水]; e o evento foi chamado historicamente de ‘governo das águas’ [Zhishui 治水], revelando desde o início que se trata de uma passagem eminentemente ligada à ação humana.

O primeiro fragmento que possuímos sobre o problema das inundações surge no *Shujing* 書經 [*Livro dos Escritos*, ou *Livro das Histórias*], oficialmente o texto mais antigo de história da China. Durante o governo de Yao 尧 [2356-2255? AEC], as cheias constantes do rio Amarelo 黄河 estavam afetando a vida das pessoas, dificultando a produção agrícola e causando transtornos sazonais as cidades:

As águas da enchente são destruidoras no seu transbordar. Na sua vasta extensão, abarcam os montes e sobem além das grandes alturas; ameaçam os Céus com a inundação, que o povo até resmunga e murmureja! Haverá um homem capaz a quem eu possa encarregar de corrigir essa calamidade?<sup>29</sup>

Yao estava reunido com seus ministros para buscar uma solução, e eles indicam Gun 鯀 para realizar as obras necessárias ao controle das águas. Yao não gostou da indicação, afirmando que Gun “é perverso! Desobediente às ordens, procura prejudicar os seus pares”<sup>30</sup>, mas acatou as sugestões e o convocou para o cargo.

---

<sup>29</sup> *Shujing*, 堯典, 3.

<sup>30</sup> *Ibid*, 堯典, 3.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

Gun trabalhou por quatro anos [durante o reinado de Yao] e mais cinco no seguinte tentando controlar as águas, mas não obteve sucesso. No final, o soberano Yao foi sucedido por Shun 舜 [2294-2184? AEC], que decidiu encarcerar Gun por sua incompetência. Para continuar o combate às enchentes, ele escolheu ninguém menos que Yu 禹 [2123-2025? AEC], o filho de Gun, para continuar o empreendimento.<sup>31</sup> O texto não deixa claro se isso era uma punição, uma escolha baseada em valor ou ambas as coisas; Yu passaria treze anos de sua vida trabalhando duramente para ‘governar as águas’, até finalmente ser bem-sucedido.

O sucesso de Yu se baseou em aceitar as ‘tendências naturais da água’, dentro do pensamento cosmológico chinês: a água flui sem cessar, se infiltra, se acumula e transborda continuamente – e onde não há água, a terra seca e a vida morre. Gun havia feito inúmeros diques e barragens, tentando sujeitar a água pela força: com isso, ela acabava sempre escapando, destruindo os vales, enchendo ainda mais alguns lugares e deixando outros sem água.<sup>32</sup> Yu fez diferente: ele investiu na construção de canais, abriu valas de irrigação, desviou cursos de rios, abriu novos braços e fez a água fluir até o mar, domando-a em proveito da sociedade.<sup>33</sup>

Ao compreender os princípios da harmonia que regem a natureza<sup>34</sup>, Yu qualificou-se a assumir o trono imperial, e Shun transmitiu o trono para ele. Assim, ele se tornaria Da Yu 大禹, o ‘Grande Yu’, e primeiro imperador da Dinastia Xia 夏 [2070-1600? AEC], que reinou durante quarenta e cinco anos antes de morrer tranquilamente de velhice.

---

<sup>31</sup> *Shujing*, 舜典, 9.

<sup>32</sup> *Shiji* 史記, 五帝本紀, 13.

<sup>33</sup> *Shiji*, 夏本紀, 3-18.

<sup>34</sup> *Shujing*, 洪範, 1.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

As citações do *Shujing* são fragmentárias; outra seção do livro é dedicada aos seus conselhos sábios [禹貢], e a citação ao seu nome é pontual. A história devia ser bem conhecida quando Confúcio reeditou esse livro no século 6 AEC., mas o fato é que nada, nessa narrativa, aponta para uma “ira divina”, ou “a punição da humanidade”. A inundação é simplesmente tratada como um evento natural, e o esforço concentrado da sociedade é que revela o valor do trabalho humano como o sentido fundamental da lenda. Por essa razão, um dos atributos fundamentais do poder imperial se tornaria ‘governar as águas’<sup>35</sup>, mote repetido exaustivamente ao longo da história chinesa.

O evento seria mais bem descrito por Sima Qian 司馬遷 [145-85 AEC] no [Shiji 史記](#) [*Memórias históricas*], no capítulo Anais de Xia 夏本紀. Nele, Sima conta com mais detalhes as ações de Yu, sua dedicação incansável – ele teria passado perto de casa três vezes ao longo dos treze anos em que trabalhou, sem nela entrar –, a sabedoria de suas decisões e de como o evento contribuiu para criar a consciência de uma civilização chinesa, estruturada a partir de um núcleo populacional originário que ele organizou em nove territórios administrativos. O capítulo é uma longa descrição de viagens, obras públicas e ações sociais, sem conotações religiosas ou a participação de divindades, como veremos a seguir.

### III. A figura de Yu

Quase todos os pensadores da época pré-Han [ou seja, antes de 206 AEC] citaram Yu de forma favorável, como um modelo inspirador a ser seguido. Confúcio expressou sua admiração de forma clara no Lunyu, quando disse que:

Em Yu, não encontro nenhum defeito. Ele bebia e comia uma refeição frugal, mas demonstrava profunda devoção em suas oferendas aos fantasmas e aos espíritos; ele usava roupas ordinárias, mas suas vestes litúrgicas eram magníficas: sua morada era

---

<sup>35</sup> MENDOZA, Inty Scoss. “[A China e o Governo das Águas: a administração dos rios e o pensamento político na formação da China imperial](#)”. In: *Urutagua* 10, 2016, p. 1-17.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

modesta, e ele despendia sua energia drenando a água das enchentes. Em Yu, não encontro defeitos.<sup>36</sup>

Para Confúcio, um defensor convicto das tradições e da ética, o exemplo de Yu significava uma das mais poderosas demonstrações do poder das virtudes na condução dos negócios humanos. Apesar disso, tanto Confúcio quanto os outros pensadores de sua época pouco fizeram para descrever a figura de Yu. Suas capacidades são sempre ressaltadas, mas suas características em si não aparecem.

Coube justamente a Sima Qian aprofundar a descrição desse personagem, como segue nesse trecho:

Yü era rápido, sério e diligente, não se desviando da virtude, sendo gentil e amável; sua palavra era confiável, sua voz era musical e seu corpo, equilibrado e harmônico, movia-se incansável e solene de acordo com certas conveniências. Yü fez uma divisão da terra e, seguindo a linha das colinas, plantou árvores e determinou as características das altas serras e dos grandes rios. Yu ficara triste porque seu pai Gun foi punido por causa de seu trabalho ficar incompleto; então, com o corpo cansado e a mente angustiada, ele viveu longe de sua casa por treze anos, passando pela porta de sua casa três vezes sem se atrever a entrar. Com roupas esfarrapadas e uma dieta pobre, ele prestou devoção aos espíritos até que sua cabana miserável caísse em ruínas na vala. Quando viajava pela terra seca usava carruagem, na água usava barco, em lugares lamacentos um trenó, enquanto para subir as colinas usava espigões. Se tinha a régua, também usava o compasso e o esquadro. Trabalhou conforme as estações o permitiam, e com vistas em abrir as nove províncias, ele tornou as estradas comunicáveis, aterrou os pântanos, mapeou as colinas, disse a Yi e seu clã que o arrozal deveria ser plantado em locais úmidos baixos e orientou o Lorde Painço e seu clã, quando era difícil obter comida, ou quando a comida era escassa, para trocar seu estoque excedente em troca do que eles não tinham, de modo a colocar todos os príncipes em pé de igualdade. Desta forma, Yu trabalhou para a conveniência mútua dos respectivos distritos no que diz respeito à distribuição da riqueza e dos recursos do país.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> *Lunyu*, 8:21.

<sup>37</sup> *Shiji* 史記, 五帝本紀, 4-5.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

Sima conta ainda como Yu ficou com as pernas sem pelo e manco de tanto trabalhar<sup>38</sup> e como isso deu origem a uma dança chamada 'Passo de Yu' [Yubu 禹步], no qual as pessoas arrastam um dos pés, tema ao qual voltaremos mais adiante. De qualquer forma, notamos que Yu foi caracterizado como uma figura ativa, enérgica e sábia, cujo corpo envelheceu rapidamente por causa da fadiga. Foi justamente isso, porém, que o qualificou para assumir posteriormente o trono imperial. Dono de virtudes e de uma grande determinação, Yu conseguiu 'governar as águas' e reinar de forma longeva até falecer de causas naturais.

#### IV. Real ou mito?

É notável perceber que os historiadores chineses tratavam Yu como um personagem real, e escreveram narrativas factíveis sobre ele. Não há qualquer tipo de causa ou intervenção divina no desenrolar dos acontecimentos. Contudo, ao longo dos séculos, um efeito curioso ocorreu: o personagem de Yu foi capturado pelo imaginário popular e se transformou no centro de várias lendas folclóricas. Numa delas, por exemplo, ele foi ajudado por um dragão e uma tartaruga, que lhe emprestaram um torrão de terra mágico pra ajudar a renovar as áreas inundadas – os deuses não provocaram a enchente, mas ajudaram Yu a resolvê-la; noutra, Yidi 儀狄, uma divindade que o auxiliava, descobriu a fabricação do vinho e ofereceu a ele, que recusou por entender que isso atrapalharia as decisões de governo<sup>39</sup>; por fim, ele se transformou em um viajante de terras místicas no *Shanhaijing* 山海經 [Livro das Montanhas e dos Mares, uma enciclopédia de mitos do período Han, séc. 1 EC] e o Deus supremo do controle das águas junto com outras quatro divindades da religião daoísta. Na cultura popular chinesa, Gun e Yu se transformaram em divindades, e a lenda adquire conotações mágicas e religiosas profundamente diferentes da história contida

---

<sup>38</sup> *Shiji*, 秦始皇本紀, 56.

<sup>39</sup> *Zhan Guo Ce* 戰國策, 魏策, 2:1.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

no *Shujing* e no *Shiji*.<sup>40</sup> Do ponto de vista folclórico e antropológico, Yu é uma das figuras mais ricas e populares em histórias.

Até o fim do império chinês, em 1912, a historiografia chinesa considerou Yu uma figura histórica, embora muitas dúvidas pairassem sobre o evento das inundações. Embora elas não fossem incomuns – centenas ocorreram desde a antiguidade – a aproximação com as historiografias ocidentais fez com que vários episódios da história chinesa caíssem no terreno do ‘lendário’, entre eles a Dinastia Xia e o evento do ‘dilúvio chinês’. A ausência de provas materiais fez com que, ao longo do século 20, muitas narrativas da antiguidade passassem por uma profunda revisão.

No entanto, a inundação de Yu estava longe de possuir os aspectos escatológicos do dilúvio de Noé, e a interpretação chinesa sobre essa história é totalmente antropológica. Para os intelectuais da China, os mitos de inundação são comuns nas antigas sociedades hídricas, constituindo reinterpretções mitificadas sobre eventos de desastres naturais:

Obviamente, a mitologia é a memória da história primitiva na mente das pessoas. O mito do controle da água de Da Yu é um típico mito de desastre de enchente, refletindo o momento quando os humanos encontram grandes desastres, como enchentes e secas, e agem como deuses ou heróis do clã. [...] o controle da água por Da Yu pertence à lenda de um herói típico do clã. Seja como um mito ou lenda, o conteúdo central do controle da água de Dayu, assim como outros mitos do gênero, são todos iguais, e os motivos e temas envolvidos são praticamente os mesmos. Como herói, Da Yu se tornou o personagem mais admirado entre os povos primitivos.<sup>41</sup>

O aparecimento de variantes desse mito na China fez com que as diversas histórias existentes – não apenas de Yu, mas de outros personagens envolvidos em mitos de

<sup>40</sup> SUN Chian Ching e LUO Si wei. *China: mitos e lendas*. São Paulo: Rozita Kempf, 1984; Instituto de línguas Estrangeiras de Pequim (ILEP). *Mitologia Chinesa*. São Paulo: Princípio, 1986.

<sup>41</sup> TANG Duoxian 汤夺先 e ZHANG Liman 张莉曼. 《大禹治水文化内涵的人类学解析》  
中南民族大学学报 (人文社会科学版) 3, 2011, p. 10-13.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

inundação – requisitem exames cada vez mais específicos de suas características e funções para determinar suas origens e suas implicações culturais.<sup>42</sup> Nos ateremos, porém, a história de Yu, o primeiro desses mitos a surgir na literatura e que nos interessa nesse artigo.

Na China, as discussões historiográficas acerca do Mito de Yu se desenvolveram bastante nas últimas décadas, envolvendo uma ampla pesquisa interdisciplinar. Podem-se encontrar dezenas de artigos que examinam os problemas históricos sobre o episódio, bem como análises comparativas entre ele e o dilúvio bíblico. Como Sun Guojian afirmou, o problema central na análise da narrativa de Yu é que ela passa por três discursos, um de caráter popular-lendário, um acadêmico, que estuda sua plausibilidade, e um oficial, que emprega a narrativa com cunhos políticos e culturais.<sup>43</sup>

Esses três discursos se confundem, seja pela apropriação de fragmentos dos estudos acadêmicos pelo senso-comum, seja pela manipulação dos textos e da oralidade tanto no folclore quanto nas instâncias educacionais e burocráticas. Um dos exemplos mais recentes do ‘uso oficial’ foi a apropriação, pela estética maoísta, da figura de Yu como um grande inspirador do trabalho humano comunal e da realização de grandes obras públicas.<sup>44</sup> Xia Nan defende, igualmente, que existe uma tensão na análise da lenda, envolvendo seu caráter histórico, cultural e seus mecanismos dinâmicos de transformação, e que a busca de sentido na narrativa responde a demandas variadas, todas com alguma pretensão de verdade sobre o tema.<sup>45</sup>

---

<sup>42</sup> TANG Duoxian 汤夺先 e ZHANG Liman 张莉曼. 《大禹治水文化 内涵的人类学 解析》 *op. cit.* p. 10-11; LEWIS, Mark Edward. *The flood myths of early China*. Albany: State University of New York press, 2006.

<sup>43</sup> SUN Guojian 孙国江. 《大禹治水传说的历史地域化演变》 *天中学刊* 4, 2012, p. 23-26.

<sup>44</sup> CAO Yinwang 曹应旺. 《中国共产党对中华民族治水文化的传承》. *毛泽东研究*, 2, 2021, p. 33-36.

<sup>45</sup> XIA Nan 夏楠. 《多维视野下的大禹治水传说研究》 *长江大学学报(社科版)* 3, 2015, p. 8-11.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

Uma análise histórica do mito mostra que ele foi compreendido como um episódio real por milênios, e a par dos desdobramentos folclóricos derivados da narrativa principal do *Shujing* e do *Shiji*, foi debatido e analisado a luz de uma perspectiva historiográfica.<sup>46</sup> Ou seja, a consideração de que a narrativa sobre Yu é mítica [um ‘Shenhua’ 神话] é muito recente na China, e passa principalmente pela influência ocidental no campo dos estudos históricos e religiosos. Um dos principais defensores da ‘não-existência’ de Yu, da inundação e da dinastia Xia foi Gu Jiegang 顾颉刚 [1893-1980], pesquisador que ajudou a fundar a moderna arqueologia chinesa.<sup>47</sup>

Foram as descobertas mais recentes da arqueologia que retiraram a dinastia Xia do limbo, provando sua historicidade. As escavações em curso mostram que sua abrangência geográfica é muito similar à dos nove territórios delimitados por Yu; detalhes sobre esse personagem ou sobre a inundação, porém, ainda são objeto de conjecturas. Muitos autores chineses tendem a concordar que as tradições históricas e antropológicas constituem um guia e suporte seguro para a análise do passado [e usualmente, precisam se defender de acusações de anacronismo], mas tem-se buscado evidências mais palpáveis, que permitam reconstruções e modelos mais seguros.

Em 2005, por exemplo, Wu Wenxiang e Ge Quansheng realizaram uma extensa pesquisa interdisciplinar envolvendo história, filologia, arqueologia e astronomia para verificar as convergências possíveis entre datações, ciclos celestes e análises geológicas. Cautelosamente, os autores afirmaram que uma série de inundações ocorridas na bacia do rio Amarelo coincide com o evento climático 4200ap do holoceno, período em que teria vivido Yu. Sem tentar determinar a existência de sua figura histórica, os eventos narrados, todavia, tem grande possibilidade de terem ocorrido. Mesmo assim, isso não prova qualquer dilúvio universal, ao contrário: se na China houve inundações,

---

<sup>46</sup> XIANG Ye 向野. 《大禹治水传说的历史演进》 巴蜀史志 5, 2020, p. 16-22.

<sup>47</sup> RICHTER, Ursula. “Historical Scepticism in the New Culture Era: Gu Jiegang and the ‘Debate on Ancient History’”. *In: 近代中國史研究通訊*. 23, 1994, p. 355-388.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

na Índia e no Egito se passaram graves secas, demonstrando variações ambientais importantes.<sup>48</sup> Noutro sentido – mas conectado a essas pesquisas – Meng Shikai<sup>49</sup> propôs que o evento histórico de Yu estava ligado à uma série de conflitos tribais, e a inundação faria parte dessa memória histórica.

Os estudos de Wu e Ge foram corroborados por Zhang Lei<sup>50</sup>, cujas análises estratigráficas mostram a existência de camadas compatíveis com o assentamento de lodo de inundações, no mesmo período analisado; essas descobertas foram feitas na área contígua aos sítios arqueológicos Xia, como mostrou Guo Qiang<sup>51</sup>, mostrando como esses assentamentos foram afetados pelo 4200ap. Guo Lixin e Guo Jingyu<sup>52</sup> tentaram precisar o espaço específico onde teriam ocorridos esses eventos, buscando consolidar uma radiografia do espaço e da cultura Xia.

Se por um lado esses trabalhos mostram o interesse em comprovar a historicidade de Yu e o projeto de ‘governo das águas’, por outro, do ponto de vista histórico, político e cultural, a comparação entre Yu e Noé tem sido usualmente empregada para destacar os valores da sociedade chinesa. As comparações usualmente feitas entre essa cultura e a “cultura ocidental” tendem a privilegiar as realizações humanas no enfrentamento aos desastres e no controle ambiental, enfatizando o papel da comunidade frente aos problemas existenciais. Para os chineses, a presença de uma

---

<sup>48</sup> WU Wenxiang 吴文祥 e GE Quansheng 葛全胜. 《夏朝前夕洪水发生的可能性及大禹治水真相》 第四纪研究 6, 2005, p. 741-749.

<sup>49</sup> MENG Shikai 孟世凯. 《中国历史大讲堂：夏商史话》. 中国国际广播, 2007.

<sup>50</sup> ZHANG Lei 张磊. 《大禹治水地域范围新论——以出土文献和考古发现为参照》 古代文明 1, 2015, p. 41-46.

<sup>51</sup> GUO Qiang 郭强. 《考古视域下的大禹治水传说》. 寻根 1, 2021, p. 14-16.

<sup>52</sup> GUO Lixin 郭立新 GUO Jingyun 郭静云. 《夏处何境——大禹治水背景分析》. 广西民族大学学报:哲学社会科学版1, 2021, p. 145-155.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

divindade pessoal e unívoca que decide exterminar a sociedade humana como punição por seus pecados construiria uma visão problemática entre os ocidentais, que passaram a desacreditar no valor das realizações coletivas. Se o mau comportamento gerou o fim do mundo, a postura divina estimularia ainda mais o individualismo, já que não faria sentido ser bom se a punição for coletiva. O hedonismo egoísta e a acumulação material seriam resultados diretos desse tipo de visão mítica.

Li Hua e Wen Shengwei propuseram uma comparação cultural entre China e Ocidente a partir da análise de Yu e Noé. Para eles, ambos são mitos fundadores que nos informam bastante sobre a trajetória intelectual e moral das sociedades. O mito de Yu conclama a uma reflexão íntima, a tomada de responsabilidade social, a promoção de uma ética de valorização da vida e do respeito mútuo, além da ênfase do papel humano na transformação da realidade. Ademais, a história de Yu se baseia na concepção de uma natureza regida por leis, cujas variações impactam a realidade, mas são contornáveis pela adequação harmônica e pelo trabalho consciente.

Por fim, a história de Yu tem um pouco mais de chances de ser historicamente provável, constituindo um ‘fato histórico’.<sup>53</sup> O mito de Noé, por sua vez, estabeleceria a diminuição do valor humano, a variabilidade da natureza pela ação divina e a instituição do destino privador da vontade. Os efeitos dialéticos desse modelo, como dito antes, seria a exacerbação do individualismo e do pessimismo frente a inexorabilidade da morte, e a implausibilidade da ação humana transformadora. A longo prazo, concluem eles, a história de Yu constituiria uma inspiração mais duradoura, fortalecendo os ideais de família, comunidade e sobrevivência.

Essa mesma concepção seria reforçada por Chao Chuan Yuan e Fu Chaying, que numa análise cultural relativa à questão da felicidade entre China e Ocidente, a história de Da Yu ‘tem características de humanismo, enfatiza a felicidade do processo, e busca

---

<sup>53</sup> LI Hua李华 e WEN Shengwei文胜伟. 《从“大禹治水”和“诺亚方舟”看东西方文化的差异》. 科技信息 (科学教研), 34, 2007, p. 554.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Espirit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

o coletivo' enquanto a história de Noé 'ênfatiza a felicidade dos resultados e tende ao individualismo'.<sup>54</sup>

Como podemos notar, a opinião de alguns dos intelectuais chineses que se debruçaram sobre esses mitos ainda é fortemente influenciada pelo materialismo histórico chinês, para os quais os conceitos de coletividade, dedicação ao trabalho e organização social e política são muito caros. O aspecto religioso do mito da Arca de Noé, a partir de uma intervenção divina, bem como as dificuldades técnicas que envolveriam sua consecução, são fatores contabilizados nessa análise comparativa, que do ponto de vista chinês, estabelece o contraponto dos modelos culturais de China e Ocidente. Essas diferenças têm sido cada vez mais ressaltadas em um movimento de autoafirmação da cultura chinesa contemporânea, que emprega o mito de Yu como uma de suas principais ilustrações.<sup>55</sup>

## Conclusão

A análise transcultural dos mitos de inundação aqui elencados nos permite supor que muitas dessas narrativas são paratextos construídos a partir de tradições antigas sobre eventos catastróficos [reais ou não] e seu impacto sobre a existência humana. Contudo, buscar uma identidade heterotópica que transforme o dilúvio em uma metanarrativa universalizante tornou-se uma questão exclusiva das mitografias judaico-cristãs.

Como vimos, foram feitas várias tentativas de conectar o dilúvio semítico com diversas outras narrativas míticas, pretendo conexões superficiais que resignificariam o 'essencial' do texto. Mesmo a inundação chinesa tornou-se, em certo momento, o

---

<sup>54</sup> CHAO Chuan Yuan 巢传宣 e FU Chaying 付茶英. 《从"大禹治水"与"诺亚方舟"管窥中西幸福观之差异》. 南昌工程学院学报, v. 38, n.139 [2], 2019, p. 40-44.

<sup>55</sup> SHEN Yeming 沈叶鸣. 《大禹治水系列神话及其当代精神探析》 蚌埠学院学报 3, 2021, p. 115-119.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

transbordo do dilúvio de Noé; apenas para termos um exemplo, na década de 1980, o Padre Joaquim Guerra – que realizou a única tradução completa das obras de Confúcio para a língua portuguesa – ainda tentava provar a veracidade do evento, e fez uma série de cálculos e malabarismos históricos para concluir que a possível data bíblica combinava com as informações chinesas, e isso por si só bastaria como prova!<sup>56</sup> Da mesma forma, a passagem no *Shujing* na qual ‘o Céu passou o grande plano para Yu’<sup>57</sup> tem sido exaustivamente traduzida e compreendida por teólogos cristãos [como o próprio Padre Guerra] como uma revelação divina, e não como a percepção de como funcionava o organograma das leis naturais – nesse caso, o ajuste do olhar sinológico inequivocamente está ligado às intenções do tradutor.

Faltou explicar, contudo, qual o papel de Yu na genealogia catastrófica do mundo; pois se o ‘dilúvio chinês’ provava Noé, então onde Yu se escondeu dentro da Arca? As inadequações conflituosas dessas passagens revelam, assim como no caso da Índia ou dos Astecas, que essas tradições têm contornos originais, e partem de epistemes particulares sobre o mundo, a natureza e a religiosidade.

Por outro lado, ficamos extremamente tentados a pensar nas conexões possíveis entre Noé e Yu quando vemos, por exemplo, o caso do vinho – embora Noé tenha se embriagado e Yu não, a questão é imaginar porque é atribuída eles essa relação histórica especial com a bebida. Joseph Campbell igualmente resgata uma lenda judaica que afirmava que Noé ficara manco, assim como Yu<sup>58</sup>, o que instiga ainda mais nossa curiosidade. Embora os paralelismos não funcionem como comprovação, eles são capazes de provocar nossa imaginação para uma análise crítica de ambas as narrativas. São aspectos pontuais como esses que nos tentam a associações mais amplas (e nem sempre seguras).

---

<sup>56</sup> GUERRA, Joaquim J. *Escrituras Selectas*. Macau: Jesuítas de Macau, 1980, p. 94-104.

<sup>57</sup> *Shujing*, 洪範, 1.

<sup>58</sup> CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus: mitologia oriental*. São Paulo: Palas Athena, 1994, p. 306.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

Retomando *The Deluge*, cumpre salientar que produtos midiáticos como esse desfrutam de um amplo alcance imaginário, atingindo diversas camadas da população formadas por não-especialistas, o que é um prato cheio para o consumo da fé. Eles são capazes de conectar crenças e o imaginário com uma superfície de cientificidade, criando uma perspectiva tautológica de compreensão. Tais produções, contudo, são construídas a partir de perspectivas que se consideram 'legítimas' dentro de um viés religioso. Mesmo arqueólogos experientes como George Smith se deixaram levar por suas crenças particulares no momento de examinar as evidências históricas e arqueológicas.

Em 1988, Alan Dundes<sup>59</sup> produziu uma obra seminal sobre as narrativas de dilúvio, coletadas nos mais de cem anos de pesquisa que tinham se desenvolvido sobre esses mitos até então. Para grande surpresa e consternação, as mitografias chinesas estavam ausentes. Chen Jianxian<sup>60</sup> criticou abertamente o trabalho de Dundes, apontando que as narrativas chinesas haviam sido deixadas de lado ou por desconhecimento ou por não atenderem os requisitos necessários para serem incluídas na universalidade do dilúvio levantino. Essa postura revela um vício de origem extremamente problemático, não apenas na obra de Dundes, mas de muitas outras produzidas no Ocidente. Chen respondeu a essa ausência elaborando um livro que reunia seus mais de trinta anos de experiência com os mitos de inundação chineses, juntando e comparando seiscentos e oitenta e dois textos recolhidos entre os mais de quarenta grupos étnicos espalhados pela China para construir um panorama histórico dessas narrativas e compará-las com o de outras tradições não-chinesas.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> DUNDES, Alan. *The Flood Myth*. Berkeley: University of California Press, 1988.

<sup>60</sup> CHEN Jianxian 陈建宪. 《中国洪水神话的类型与分布》. 中国民俗学网 Ed.8/5, 2012, p. 1.

<sup>61</sup> CHEN Jianxian 陈建宪. 《中国洪水再殖型神话研究：母题分析的一个案例》. 陕西师范大学出版社, 2023.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Espirit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

Esse apontamento é importante: mais recentemente, não somente o trabalho de Chen, mas também o de Guo Lixin e Guo Jingyun (já citados)<sup>62</sup> procura compor um quadro mais complexo das tradições sobre inundação, comparando os mitos de várias partes do mundo – e chegando a conclusões bastante diversas daquelas encontradas numa literatura historiográfica ocidental mais tradicional.

Esse é um aspecto crucial que torna a leitura transcultural comparativa tão necessária. Conhecer os mitos de inundação torna-se um ponto fundamental na formação do historiador com vistas ao global, ao ecológico e ao antropoceno. Sem eles, o domínio da textualidade mítica continuará a imprimir uma força significativa na compreensão humana sobre o passado; e em admiti-la, nos restará então perguntar por qual razão a Arca não caiu nas vazantes bordas da Terra plana... talvez porque estivesse sendo rebocada por Matsya!

\*\*\*

## Fontes

*Bíblia Hebraica*. São Paulo: Sêfer, 2006.

CONFÚCIO 孔子. *Shujing* 書經. Chinese Texts.

Instituto de línguas Estrangeiras de Pequim (ILEP). *Mitologia Chinesa*. São Paulo: Princípio, 1986.

SIMA Qian 司馬遷. *Shiji* 史記. Chinese texts.

SUN Chian Ching e LUO Si wei. *China: mitos e lendas*. São Paulo: Rozita Kempf, 1984.

*The Epic of Atrahasis*. (trad.: R. Foster)

*Zhan Guo Ce* 戰國策, 魏策, 2:1.

## Fontes filmicas

*The Deluge*. EUA: Vitagraph Company of America, 1911.

---

<sup>62</sup> GUO Lixin 郭立新 GUO Jingyun 郭静云. 《夏处何境——大禹治水 背景分析》, 2021.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Espirit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

## Bibliografia citada

- Animals and Society Institute. *Elephants in Circuses: Analysis of Practice, Policy, and Future*. 2007.
- CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus: mitologia oriental*. São Paulo: Palas Athena, 1994.
- CANEVACCI, M. "[Transculturalidade, interculturalidade e sincretismo / Transculturality, interculturality and sincretism](#)". In: *Revista Concinnitas*, 1(14), 2020, p. 137-141.
- CAO Yinwang 曹应旺. 《中国共产党对中华民族治水文化的传承》. *毛泽东研究*, 2, 2021, p. 33-36.
- CARNES, Mark C. (org.). *Passado Imperfeito. A História no Cinema*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- CHAO Chuan Yuan 巢传宣 e FU Chaying 付茶英. 《从"大禹治水"与"诺亚方舟"管窥中西幸福观之差异》. *南昌工程学院学报*, v. 38, n. 139 [2], 2019, p. 40-44.
- CHEN Jianxian 陈建宪. 《中国洪水神话的类型与分布》. *中国民俗学网* Ed.8/5, 2012.
- CHEN Jianxian 陈建宪. 《中国洪水再殖型神话研究：母题分析法的一个案例》. 陕西师范大学出版社, 2023.
- CHISHOLM, B. *Reading Intertitles, Journal of Popular Film and Television*, 15:3, 1987, p. 137-142.
- DÍAZ, L. P. M. *Estudio comparativo del mito cosmogónico en las culturas azteca y griega – Analogías entre la cultura azteca y la cultura griega en los mitos de los cinco soles y el mito de las edades*. Trabajo de grado presentado como requisito para optar al título de licenciatura en español y literatura. Universidad Tecnológica de Pereira, 2009.
- DUNDES, Alan. *The Flood Myth*. Berkeley: University of California Press, 1988.
- FINKEL, I. *The Ark before Noah: decoding the story of the Flood*. Doubleday, 2014.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUERRA, Joaquim J. *Escrituras Selectas*. Macau: Jesuítas de Macau, 1980.
- GUO Lixin 郭立新 GUO Jingyun 郭静云. 《夏处何境——大禹治水背景分析》. *广西民族大学学报:哲学社会科学版*1, 2021, p. 145-155.
- GUO Qiang 郭强 《考古视域下的大禹治水传说》. *寻根* 1, 2021, p. 14-16.
- KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão...* São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- KLOSTERMAIER, K. K. *A Survey of Hinduism*. Albany: State University of New York Press, 2007.
- LEWIS, Mark Edward. *The flood myths of early China*. Albany: State University of New York press, 2006.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)  
*The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance*  
*El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement*  
*El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento*  
*O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento*

Jun-Dic 2024  
ISSN 1676-5818

- LI Hua 李华 e WEN Shengwei 文胜伟. 《从“大禹治水”和“诺亚方舟”看东西方文化的差异》. 科技信息 (科学教研), 34, 2007, p. 552-562.
- MAGNONE, Paolo. “Floodlighting the Deluge: Traditions in Comparison”. In: BALCEROWICZ, Piotr; MEJOR, Marek (orgs.). *Essays in Indian Philosophy, Religion and Literature*. Delhi: Motilal Banarsidass, 2004, p. 137-148.
- MENDOZA, Inty Scoss. “[A China e o Governo das Águas: a administração dos rios e o pensamento político na formação da China imperial](#)”. In: *Urutagua* 10, 2016, p. 1-17.
- MENG Shikai 孟世凯. 《中国历史大讲堂：夏商史话》. 中国国际广播, 2007.
- MONTORO, G. C. “[O dilúvio universal e a América: relações entre as cosmovisões indígena e cristã no Códice Telleriano Remensis](#)”. In: *Revista Tempo*, vol. 19, n. 35, Jul.-Dez., 2013, p. 143-160.
- RICHTER, Ursula. “Historical Scepticism in the New Culture Era: Gu Jiegang and the ‘Debate on Ancient History’”. In: *近代中國史研究通訊*. 23, 1994, p. 355-388.
- SHEN Yeming 沈叶鸣. 《大禹治水系列神话及其当代精神探析》. 蚌埠学院学报 3, 2021, p. 115-119.
- SHEPHERD, D. J. *The Bible on Silent Film: Spectacle, Story and Scripture in the Early Cinema*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- SHOHAT, E.; STAM, R. *Crítica da imagem eurocêntrica. Multiculturalismo e representação*. São Paulo: Cosacnaify, 2006.
- Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. *O homem em Busca de Deus*. São Paulo, 1990.
- SUN Guojian 孙国江. 《大禹治水传说的历史地域化演变》. 天中学刊 4, 2012, p. 23-26.
- TANG Duoxian 汤夺先 e ZHANG Liman 张莉曼. 《大禹治水文化内涵的人类学解析》. 中南民族大学学报 (人文社会科学版) 3, 2011, p. 10-13.
- WU Wenxiang 吴文祥 e GE Quansheng 葛全胜. 《夏朝前夕洪水发生的可能性及大禹治水真相》. 第四纪研究 6, 2005, p. 741-749.
- XIA Nan 夏楠. 《多维视野下的大禹治水传说研究》. 长江大学学报 (社科版) 3, 2015, p. 8-11.
- XIANG Ye 向野. 《大禹治水传说的历史演进》. 巴蜀史志 5, 2020, p. 16-22.
- ZHANG Lei 张磊. 《大禹治水地域范围新论——以出土文献和考古发现为参照》. 古代文明 1, 2015, p. 41-46.